



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Desenho Industrial

Marco Paulo Tozzatti

Alice: Ilustrando um Clássico

Brasília

2019



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Desenho Industrial

Marco Paulo Tozzatti

Alice: Ilustrando um Clássico

Relatório final da disciplina de Diplomação em
Programação Visual, para o Departamento de Design
da Universidade de Brasília.

Orientador: Evandro Perotto.

Participantes da banca: Thiago Barros e
Rogério José Camara

Brasília

2019

Resumo

Este relatório é a documentação de um projeto de design gráfico que envolveu a diagramação e ilustração de um livro infantojuvenil, apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação em design na Universidade de Brasília. O intuito foi produzir um livro com ilustrações de Alice no País das Maravilhas que gere uma experiência única, e enriquecida pelas imagens, ao leitor.

Alice no país das Maravilhas é uma história do gênero nonsense (que segue uma lógica absurda, com características de sonhos), com enredo linear e que tem como objetivo o entretenimento, portanto, produto final deste projeto foi um livro que preza por todas essas características e que possui ilustrações destinadas a capturar o interesse e a curiosidade de crianças e proporcionar nostalgia aos adultos.

Palavras-chaves: Livro ilustrado, Design editorial, Diagramação, Ilustração, Literatura infantojuvenil

Lista de Figuras

Figura 01 - Pinturas rupestres.....	1
Figura 02 - Hieróglifos e desenhos egípcios	1
Figura 03 - Ilustrações do livro A Origem das Espécies de Charles Darwin.....	1
Figura 04 - Retrato de Charles Lutwidge Dodgson	4
Figura 05 - Capa do livro de Alice no País das Maravilhas original.....	4
Figura 06 - Alice no País das Maravilhas original ilustrado por John Tenniel.....	5
Figura 07 - Alice no País das Maravilhas original ilustrado por John Tenniel.....	5
Figura 08 - Alice no País das Maravilhas ilustrado por Arthur Rackham.....	5
Figura 09 - Alice no País das Maravilhas ilustrado por Arthur Rackham	5
Figura 10 - Alice no País das Maravilhas ilustrado por Arthur Rackham	5
Figura 11 - Alice no País das Maravilhas ilustrado por Mabel Lucie	6
Figura 12 - Alice no País das Maravilhas ilustrado por Mabel Lucie	6
Figura 13 - Capa de A Chegada	7
Figura 14 - Página de A Chegada	7
Figura 15 - Capa de As Memórias da Bruxa Onilda.....	8
Figura 16 - Página dupla de As Memórias da Bruxa Onilda.....	8
Figura 17 - Capa de Fairy Tales of the Grimm Brothers versão por Taschen.....	8
Figura 18 - Página dupla de Fairy Tales of the Grimm Brothers versão por Taschen.....	8
Figura 19 - Capa de Harry Potter e a Pedra Filosofal ilustrado por Jim Kay	9
Figura 20 - Página dupla de Harry Potter e a Pedra Filosofal ilustrado por Jim Kay	9
Figura 21 - Calvin e Haroldo de Bill Watterson	10
Figura 22 - Charge de Bill Watterson	10
Figura 23 - Ilustração de HeatherSkecheroos	11
Figura 24 - Ilustração de HeatherSkecheroos	11
Figura 25 - Ilustração de HeatherSkecheroos	11
Figura 26 - <i>Mood Board</i>	13
Figura 27 - Tabela de levantamento de passagens para ilustração.....	15
Figura 28 - Teste de ilustração digital.....	16
Figura 29 - Desenho de Alice e o Gato em nanquim	16

Figura 30 - Ilustração a lápis de cor do Camundongo	17
Figura 31 - Ilustração a lápis de cor do Coelho Branco	17
Figura 32 - Desenho de <i>style guide</i> do projeto	18
Figura 33 - Desenho simplificado infantil	18
Figura 34 - texturas e manchas usadas na paginas.....	19
Figura35 - Teste de uma coluna em formato 15x20	20
Figura 36- Grid de duas colunas	20
Figura 37 - Fonte Freight Text pro	21
Figura 38 - Fonte 1689 GLC Garamond	21
Figura 39 - Capitular C e ilustração da capitular.....	22
Figura 40 - Planejamento das páginas 1 e 2 do capítulo 1.....	23
Figura 41 - Páginas 1 e 2 do capítulo 1 com ilustrações.....	23
Figura 42 - Planejamento das páginas 7 e 8 do capítulo 1.....	24
Figura 43 - Páginas 7 e 8 do capítulo 1 com ilustrações.....	24
Figura 44 - Capa da minha versão de Alice no País das Maravilhas sem contra capa.....	25
Figura 45 - Capa da minha versão de Alice no País das Maravilhas com contra capa.....	26

Sumário

1.	Introdução	1
2.	Método	3
3.	Levantamento de dados	4
3.1.	O livro	4
3.2.	Livros de referência	7
3.3.	Referências para ilustrações	10
3.4.	Mood Board	11
4.	Requisitos de Projeto	14
5.	Produção	15
5.1.	levantamento de passagens para ilustrações.....	15
5.2.	Estilo de ilustração	15
5.3.	Forma do livro	19
5.4.	Criação das ilustrações	22
5.5.	Capa.....	25
6.	dados técnicos	27
7.	Conclusão	28
	Bibliografia	29

1. Introdução

A relação narrativa/imagem data de eras muito antigas, como por exemplo os homens das cavernas, que se utilizavam das pinturas rupestres para ilustrar as histórias que contavam para sua tribo de como ocorrera uma grande caçada, ou os egípcios que utilizavam de hieróglifos e desenhos para registrar a vida de seus monarcas enfatizando os melhores feitos deles durante sua vida, ou estudiosos, como Darwin, que em seus diários fazia desenhos anatômicos de pássaros juntamente com as anotações científicas de modo a complementar a compreensão do texto.

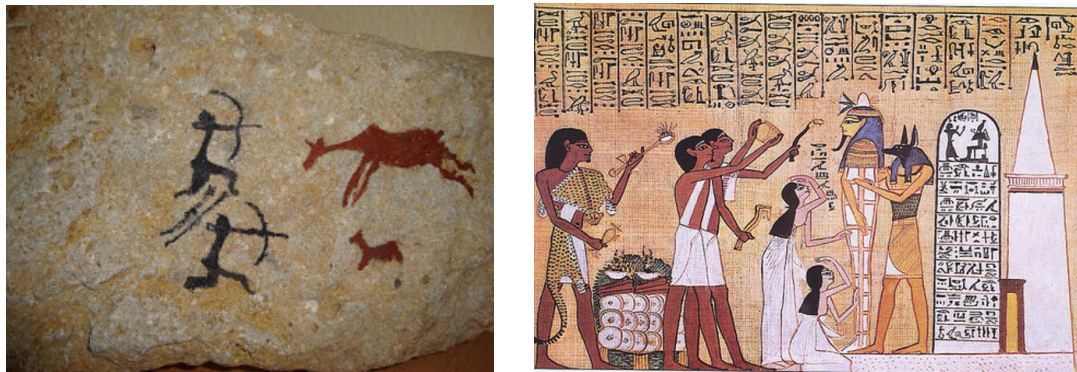


figura 1 e 2 - pinturas rupestres e hieróglifos e desenhos egípcios

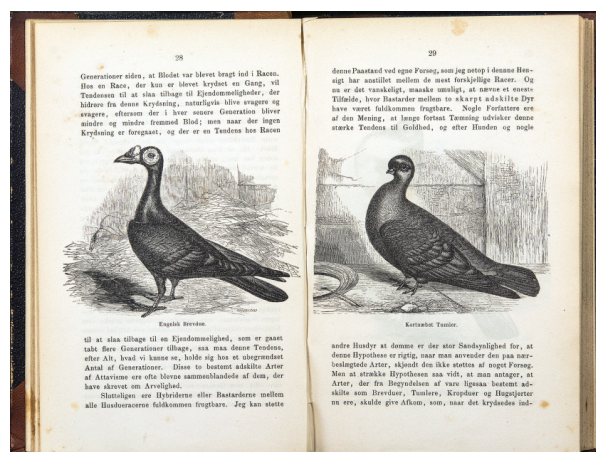


figura 3 - ilustrações do livro A Origem das Espécies de Charles Darwin

Nesse relato estarei usando a classificação de livros que são acompanhados por imagens de Sophie Van der Linden, no livro “Para Ler o Livro Ilustrado”, onde:

Livro ilustrado: Obras que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente [é então chamado, no Brasil, de livro-imagem]. A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagem.

Livros com ilustrações: Obras que apresentam um texto acompanhado de ilustrações. O texto é espacialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido. O leitor penetra na história por meio do texto, o qual sustenta a narrativa.

Livros ilustrados e livros com ilustração são livros criados com a relação texto/imagem em mente, onde a parte visual é um elemento tão importante quanto o texto. Os leitores se engajam com a narrativa, se encantam com os detalhes das ilustrações, e a relação texto/imagem cria uma dimensão suplementar à história. Esses tipos de livros são comumente voltados para um público mais jovem, menos experientes em leitura, porém esses livros podem trazer uma outra dimensão literária para diversas narrativas.

Tais livros e suas respectivas ilustrações serão meu foco neste trabalho, no qual pretendo pesquisar sobre ilustrações e seus usos, assim como editoriais, para obter a compreensão necessária destes tópicos a fim de utilizá-las de inspiração numa criação original.

Pretendo utilizar esse projeto para empregar de forma prática as habilidades e conhecimentos que foram adquiridos ao longo do curso criando um livro com ilustrações que interligue a história original de “Alice no país das maravilhas” à minha própria visão e interpretação da trama, tornando-o uma releitura diferenciada de outras versões já existentes desse clássico. Pretendo ainda adicioná-lo ao meu portfólio como demonstração da minha aptidão em execução absorvida nos meus anos na Universidade de Brasília.

2. Método

Para o desenvolvimento deste projeto seguiu-se, em sequência, os passos abaixo, de modo que a pesquisa de técnicas e conceitos, e a produção de material original possa ser feita com bases concretas mas, ainda assim, dando espaço para uma criação poética.

- I. Buscar referências de livros infantis ilustrados e de outras versões de “Alice no País das Maravilhas”
- II. Pesquisar livros ilustrados
- III. Criar painéis de estilo de ilustrações
- IV. Definir o projeto gráfico do livro (fonte, formato do livro, grid, impressão e encadernação)
- V. Criar um estilo de ilustração para o livro e definir a aparência dos personagens
- VI. Definir o posicionamento das ilustrações das páginas, baseadas no texto.
- VII. Fazer as ilustrações a serem colocadas no livro.
- VIII. Diagramar o texto junto com as ilustrações
- IX. Produzir a capa.
- X. Imprimir e encadernar o livro.

3. Levantamento de dados

3.1. O livro

“Alice no País das Maravilhas” é uma obra infantojuvenil do gênero literário *nonsense*, escrita por Charles Lutwidge Dodgson (sob o pseudônimo de Lewis Carroll), ilustrada por John Tenniel, e publicada em 4 de julho de 1865.

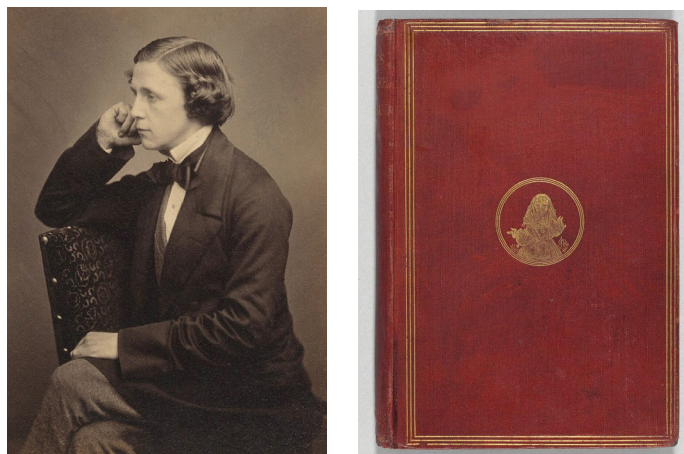


figura 4 e 5 - retrato de Charles Lutwidge Dodgson e capa do livro Alice no País das Maravilhas original

O livro conta a história de Alice, uma garota que, ao seguir um coelho branco, acaba caindo em uma toca que a transporta para o mundo fantástico chamado de País das Maravilhas. Neste mundo Alice se depara com várias criaturas estranhas e antropomórficas, passa por situações absurdas, e tem diversas mudanças em seu corpo que a faz questionar sua visão do mundo.

Desde a primeira edição do livro até hoje foram feitas mais de 100 versões dele e mais de duas dúzias de filmes. Para que uma adaptação fique bem feita precisamos que os elementos principais da narrativa original estejam presentes, para que a obra passe os mesma mensagem e/ou experiência central do livro

Dentre as edições de Alice que me inspiraram estão:

Livro original, ilustrado por John Tenniel.



figura 6 e 7 - Alice no País das Maravilhas original ilustrado por John Tenniel

O design dos elementos desta versão é o que as pessoas têm em mente como base para as aparências e características das personagens, como são as paisagens e como são as passagens do livro.

É da primeira edição de Alice que vem grande parte do conhecimento público de que o figurino e aparência das personagens é exatamente como se mostra ilustrado nesta versão. Portanto em adaptações estes detalhes tendem a ser similares aos originais, por isso é importante conhecer ela pra saber quando subverter para algo mais original ou manter similar para as pessoas reconhecerem o personagem assim mantendo as expectativas do leitor para com as personagens.

Ilustrado por Arthur Rackham.

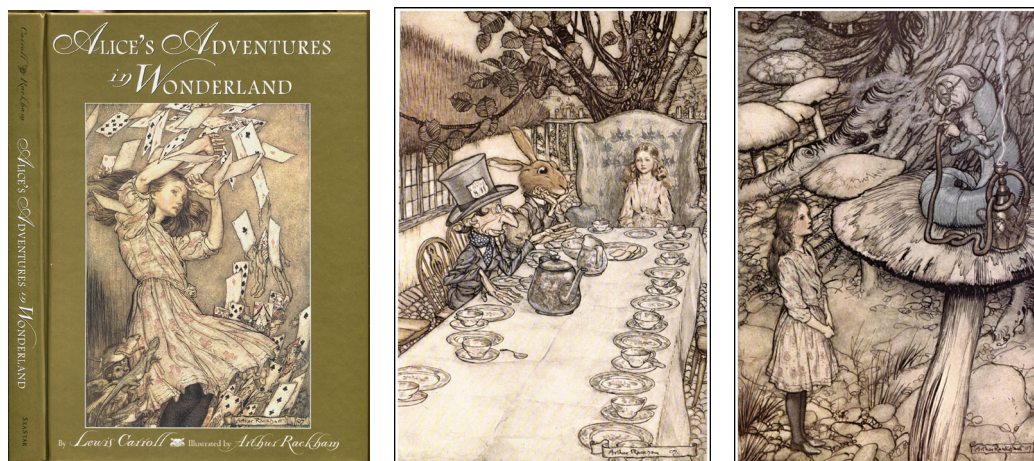


figura 8, 9 e 10 - Alice no País das Maravilhas ilustrado por Arthur Rackham

As ilustrações de Arthur tem o design dos personagens bem similares aos originais, porém o posicionamento do observador nas ilustrações cria uma tridimensionalidade interessante para as cenas retratadas. Mostrando o cenário tanto quanto os personagens nas situações, mostrando o leitor partes do mundo da narrativa além do que se é descrito.

Ilustrado por Mabel Lucie.



figura 11 e 12 - Alice no País das Maravilhas ilustrado por Mabel Lucie

Na versão por Mabel, ela utilizou-se de um desenho infantilizado e com design convidativos, comparadas às outras versões que tem ilustrações mais realistas. Uma boa utilização das cores também chama a atenção. Destacando-se pela sua aparência simplificada, descontraída e amigável, características que são melhor aceitas por um público mais jovem.

Com essa pesquisa pude perceber como vários personagens e situações da narrativa são normalmente retratadas. Sendo assim, pude perceber em quais momentos manter o design já existente ou buscar algo inovador, para então começar a pensar em como ilustrá-las no livro. Após tais percepções, cheguei a conclusão que pretendo trazer um visual menos realista voltado a um público alvo mais jovem.

3.2. Livros de referência

Foi feita uma pesquisa de livros que possuem ilustrações para ver pontos relevantes, interessantes, forte e fracos assim servindo de base e inspiração para a criação neste trabalho. Em seguida vou pontuar alguns que foram os que se destacaram e mais contribuíram para o desenvolvimento deste projeto.

A Chegada



figura 13 e 14 - capa e página de A Chegada

“A Chegada” é um livro que fala sobre as odisseias de um imigrante que chega a um novo país, onde ele precisa aprender e entender idiomas e costumes dos moradores deste novo lugar. Em sua jornada, conhece outros imigrantes, que contam também seus passados e o que os trouxe até aquele local.

As ilustrações do livro são feitas em grafite com um aspecto visual que parece serem feitas com colagens de papéis antigos, sendo a história passada somente por meio destes (sem texto para ajudar na narrativa). Essas dão uma impressão de coleção de memórias de alguém como um álbum de fotografias.

As Memórias da Bruxa Onilda



figura 15 e 16 - capa e página dupla de *As Memórias da Bruxa Onilda*

O livro “As Memórias da Bruxa Onilda” relata as memórias mais relevantes da vida da bruxa e como ela conhece sua amiga Olhona, que está presente em todos os livros da série, mesmo que esta não tenha participações relevantes.

Este livro utiliza estilo em aquarela que foi muito comum em livros infantis em meados dos anos 2000. Tais padrões além do traço e design, tornam as ilustrações divertidas e passam a história de uma maneira descontraída para o leitor. Esta

Fairy Tales of the Grimm Brothers



figura 17 e 18 - capa e página dupla de *Fairy Tales of the Grimm Brothers* versão por Taschen

Este livro apresenta uma coletânea dos contos mais conhecidos dos irmãos Grimm,

histórias tão famosas que, na presente conjuntura, qualquer um já ouviu falar pelo menos dos títulos destes grandiosos clássicos. Entre os catorze contos da aglomeração estão inclusos Cinderela, João e Maria, e Chapeuzinho Vermelho. O livro também contém um pouco da biografia dos irmãos Grimm juntamente com um breve resumo de cada conto no prefácio do impresso.

Cada conto é ilustrado por uma pessoa diferente, incluindo nomes já renomados no campo, assim como novas descobertas de talento. De maneira organizada, as ilustrações moldam o texto, o qual segue o fluxo destas figuras, fazendo com que os dois se complementem. Observando atentamente o modo que as ilustrações foram usadas para complementar a história neste livro podemos inferir que se trata de um livro com ilustrações, como o projeto que pretendo desenvolver.

A utilização de capitulares no livro é muito bem aplicada já que fazem uma harmonia com as ilustrações. Fazendo que o início do texto desde já se ligue com a parte imagética.

Harry Potter e a Pedra Filosofal, ilustrado por Jim Kay.



figura 19 e 20 - capa e página dupla de Harry Potter e a Pedra Filosofal ilustrado por Jim Kay

As aventuras de um jovem bruxo órfão que descobre os encantos do mundo mágico. Maltratado pelos tios, o jovem descobre o amor nas amizades que faz ao explorar este novo mundo.

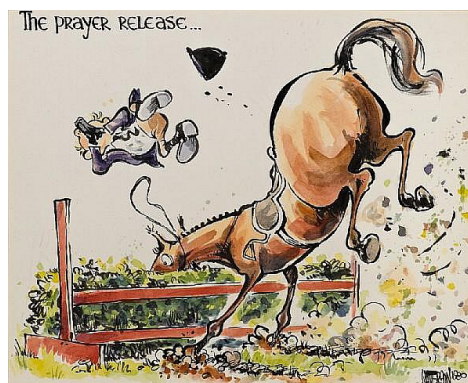
O livro apresenta uma bela apresentação, com ilustrações que complementam bem a narrativa. Utilização de manchas e texturas no papel, que exhibe uma aparência de algo mais manual nas páginas com texto, combinando com as ilustrações.

O início de cada capítulo mostra uma ilustração que introduz a temática que será apre-

Dessa pesquisa tirei referências a aparência de livros infantis que remetem a minha infância, e a nostalgia que afloram em mim, sendo essa aparência algo que gostaria de trazer para o meu projeto.

Outro aspecto seria a utilização de texturas, que podem ser usadas nas ilustrações tanto como nas partes textuais como um metatextual para aproximar o leitor ao universo do livro.

foi feita também uma pesquisa de trabalhos de outros ilustradores que sua ilustrações foram de referência na criação das ilustrações de Alice. Dentre os ilustradores pesquisados os que são:



William Boyd Watterson II mais conhecido como Bill Watterson é um cartunista e ilustrador famoso principalmente pela série de quadrinhos “Calvin e Haroldo”.

HeatherSkecheroos

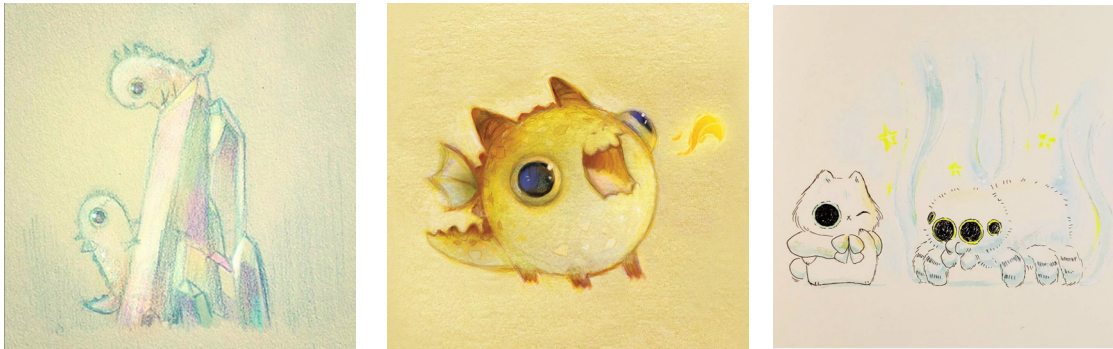


figura 23, 24 e 25 - ilustrações de HeatherSkecheroos

HeatherSkecheroos é uma ilustradora e animadora contemporânea, faz design de brinquedos e moda, e contribuiu para video games premiados. Sua carreira se instalou na rede social “instagram”, sendo que sua comercialização se baseia na venda de desenhos e bichos de pelúcias baseados em suas próprias criações.

As ilustrações de Heather foram escolhidas como referência por suas personagens terem simplificação de seus formatos, o que os dá características circulares e curvas, o que os torna amigáveis, além de terem uma utilização de cores suaves. A utilizando de contraste de tons na sombra e luz (por exemplo na figura 23 ela utiliza um tom de verde nas partes clara e um roxo nas partes escuras).

3.4. **Mood Board**

Foi usado também uma mood board, ferramenta que consiste de um conjunto de imagens e/ou palavras usadas para consolidar ou sintetizar as ideias e estilo a serem adotados no projeto gráfico. Será utilizada como guia durante o desenvolvimento deste projeto para passar uma ideia e/ou sentimento. Essa ferramenta ajuda a guiar as experimentações, de modo a filtrar as possibilidades, assim conseguindo chegar num resultado que transmita as ideias que gostaria de passar com o projeto.

Primeiramente, foi feito uma seleção de palavra que passassem a minha visão da narrativa de “Alice no País das Maravilhas” e que gostaria de transmitir, nesse projeto, para o leitor. As palavras Chaves escolhidas foram:

1. Descontraído
2. Inocente
3. Fantasia

“Descontraído” foi a primeira palavra-chave escolhida para o projeto. A narrativa passa a aventura de Alice e ela está sempre bem humorada tendo um olhar não preocupado. Assim o projeto deve passar essa atmosfera de leveza com um olhar infantil sem preocupações.

“Inocente” é a segunda palavra-chave escolhida, a história tem a visão inocente de uma criança em que tudo pode ser possível, onde ela vê muitas coisas estranhas e diferentes, e descobre um mundo novo. Sendo essa é a sensação que gostaria de passar.

A última palavra-chave é “fantasia”. Na narrativa são apresentadas diversas situações estranhas e peculiares, animais se comportando como pessoas, criaturas mágicas, entre muitas outras situações diferentes do normal. Cada uma mostrando um mundo fantástico e intrigante. É importante passar essa magia no projeto.

Por último, com auxílio das palavras chave, foram reunidas as imagens a seguir para fazer o painel visual que compõe o *mood board*.



figura 26 - Mood Board

Esse mood board, que contém ilustrações feitas tanto por mídias digitais como manuais, traz imagens que, por meio de suas cores e formas, demonstram visões alegres e emotivas. Considero como sendo um dos pontos principais o como as cores são usadas (até mesmo o uso de diferentes cinzas das ilustrações em preto e branco), para ajudar a passar emoções e trazer a expressividade destas imagens. Outro ponto é a utilização de formas mais simplificadas nos personagens retratados e como essas dão uma aparência mais leve e descontraída para as imagens.

4. Requisitos de Projeto

Como requisitos do projeto será necessário desenvolver um livro com ilustrações que tenha determinadas características :

a) Um livro que seja voltado para um grupo infantojuvenil e que agrade visualmente pessoas de tal faixa etária, porém, também é a intenção que pessoas de faixas etárias maiores, que leram tal livro em sua infância.

b) Ilustrações que complementem a narrativa, espaçadas ao longo das páginas de modo a não distrair o leitor da história, mas sim ajudá-lo a se envolver ainda mais com ela.

c) Um formato para o livro que permita uma boa interação entre ilustrações e texto, proporcionando uma ligação com as novas ilustrações e a narrativa .

d) Aparente que o livro tenha sido ilustrado/criado pela própria personagem Alice. Essa ideia que surgiu em uma das leituras do livro durante a pesquisa por causa da passagem “[...]Deve ter algum livro escrito sobre mim, deve ter! E, quando eu crescer, vou escrever um[...]”, dando oportunidade de juntar as ilustrações à história de uma forma metalinguística, onde elas existiriam no universo da narrativa.

e) Conquistar o consumidor pela capa do livro, e que este continue a se interessar por ele pelas ilustrações, em harmonia com o texto, na parte interna do mesmo.

f) Escolher uma tipografia ideal para que a leitura, valorizando a história original.

5. Produção

5.1. levantamento de passagens para ilustrações

A geração de alternativa foi iniciada por uma nova leitura detalhada do livro de Alice, sendo então selecionadas quais passagens e situações poderiam ser interessantes de serem ilustradas, tabe-
lando-as para uma escolha futura.



figura 27 - tabela de levantamento de passagens para ilustração

5.2. Estilo de ilustração

A Partir do painel de referência, e na tentativa de trazer ilustrações que agregam a visão ino-
cente de uma criança e toda a característica fantástica da narrativa, foram feitas experimentações de
ilustrações nos seguintes diferentes estilos:

Ilustração digital



figura 28 - Teste de ilustração digital

A mídia digital traz uma boa possibilidade de cores, portanto busquei trazer formas pouco detalhadas, onde o design dos personagens simplificados se assemelha a desenhos de cartuns. Porém, por ser um processo digital, em pessoas da minha idade não provoca o ar de nostalgia, já que muitos dos livros infantis dos anos 90s e início 00s eram feitos por processos mais manuais, como aquarela e guache. Que posteriormente eram reproduzidos (como Bruxa Onilda, quem tem medo de algo)

Nanquim



figura 29 - desenho de Alice e o Gato em nanquim

Nessas tentativas busquei remeter a um estilo de desenhos e rabiscos desenhados no caderno escolar de um jovem. Com a utilização de linhas rabiscadas, monocromia e formas mais geométricas, utilizando principalmente linhas retas com poucas curvas. Quis trazer também uma aparência de quadrinhos/mangás, tornando assim o design simples e com feições faciais aumentadas.

Apesar de esteticamente gostar deste estilo, ele não passa a ideia de infância facilmente. Sendo que a falta de cores deixa a ilustração mais sóbria.

lápiz de cor



figura 30 e 31 - ilustração a lápis de cor do Camundongo e do Coelho Branco

Nessas tentativas busquei trazer um estilo mais físico, com desenhos onde a utilização do lápis de cor fique visível, dentre as experimentações as que o traçado no papel torna visível a textura do papel. Foi feita um design menos cartunesco que o que tinha feito na ilustração digital, porém ainda longe do realismo, dando ênfase nas características da face.

Logo após decidir pelo estilo com lápis de cor, foi feita uma ilustração para ser usada como “Style guide”, que é uma figura que servirá de base para as próximas ilustrações, ou seja todas ilustrações têm que concordar com ela para estarem bem aplicadas nesse estilo. Também foram testados

diversos papéis procurando uma texturas que interagisse bem com o traçado do lápis de cor, escolhendo o papel Canson XL Recycle 160g/m². A figura abaixo foi a ilustração que passa o uso de cor e técnica, apesar das cores da personagem Alice terem sido posteriormente modificadas.

Trazendo uma paleta suave e traços leves, lembrando a aparência de livros infantis em aquarela, como na referência As Memórias da Bruxa Onilda. Sendo que a utilização de cores suaves permitem a visualização dos traços por toda a ilustração. Na paleta também é usado um contraste de tons nos claros e escuros, por exemplo no “Style guide”, onde as nuvens e o cogumelo tem um verde na parte clara e roxo na escura.



figura 32 - desenho de style guide do projeto

Além das ilustrações descritas acima também foi decidido um estilo de ilustrações simplificado que se assemelha com desenhos de crianças. Esses seriam desenhos com a aparência de que foram feitos pela própria personagem Alice, de modo a passar a ideia de que esse conjunto de desenhos foi criado pela personagem, na idade em que ela esteve no país das maravilhas, e reunida para ser colocada no livro. Com uma forma simplificada que surgiu das experimentações em nanquim. Serão feitos de traços grosso de lápis, trazendo um ar de desenhos produzidos em giz de cera. Essas ilustrações também podem ser usadas para passar situações, sem definir completamente para o leitor todos os detalhes das situações, dando espaço para completarem detalhes com suas imaginações.



figura 33 - desenho simplificado infantil

Em conjunto com a ilustração, será usada, nas páginas do livro, textura, dando aparência de algo mais tátil, como se o leitor estivesse com um conjunto dos desenhos originais. Em alguns pontos da narrativa serão usadas manchas de tinta, chá, entre outros, em conjunto da textura criando uma metalinguagem, onde elementos da narrativa interferem em elementos das páginas.

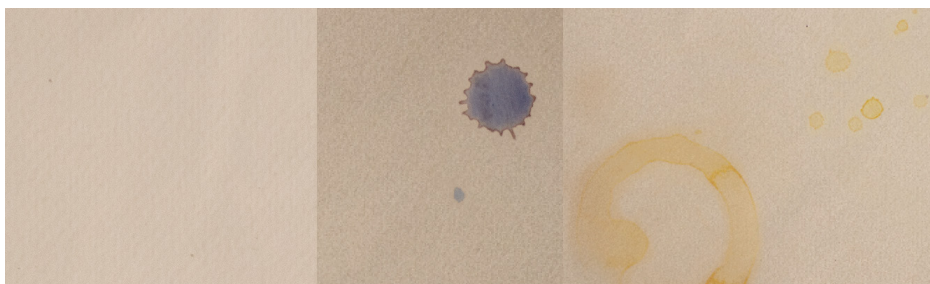


figura 34 - texturas e manchas usadas na paginas

5.3. Forma do livro

Considerando o conteúdo, quantidade de texto e imagens, e observando livros com conteúdos similares, inicialmente foi escolhido um formato 3:4, um formato próximo de um quadrado, no tamanho 15 x 20 cm. Porém, após alguns teste usando o programa Adobe InDesign CC, foi percebido que este tamanho seria muito pequeno, fazendo o texto e as imagens competirem por espaço. As linhas de texto se tornavam muito longas dificultando a leitura. Por esses motivos tal formato foi descartado.

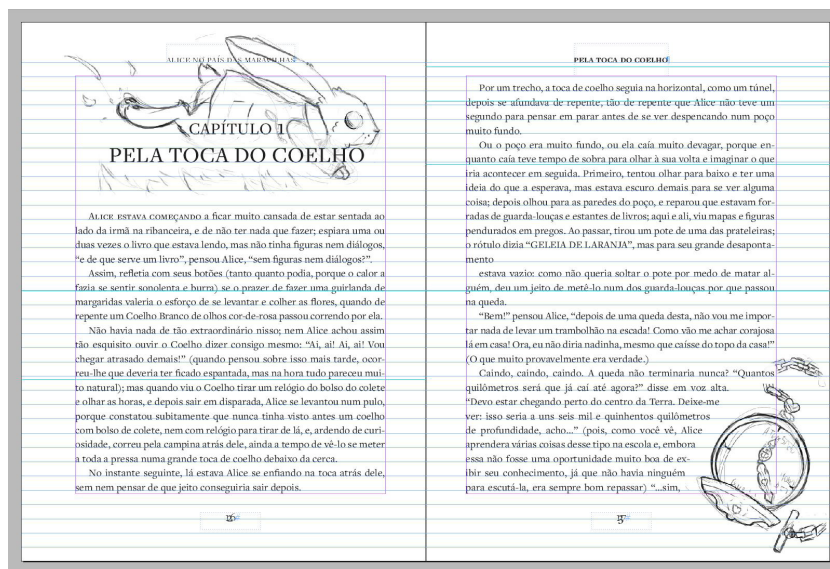


figura 35- teste de uma coluna em formato 15x20

Então, posteriormente, foi escolhido o formato de 4:5, que é também um formato próximo de um quadrado, permitindo uma melhor distribuição das ilustrações, sendo o tamanho escolhido de 20 x 25 cm.

Depois da decisão do tamanho do livro, foram feitas experimentações testando qual poderia ser mais flexível para comportar o texto e as imagens. Uma grid de duas colunas foi decidida, com as margens superior de 5 cm, margens internas e inferior de 2,5 cm e 3 cm de margem externa respectivamente. Permitindo maior flexibilidade para comportar imagens nas páginas, podendo retirar e/ou diminuir colunas para inserir ilustrações.

O texto foi alinhado à esquerda para diminuir a rigidez, possibilitando melhor a incorporação de outros elementos junto ao texto, além de diminuir a utilização de hífens.

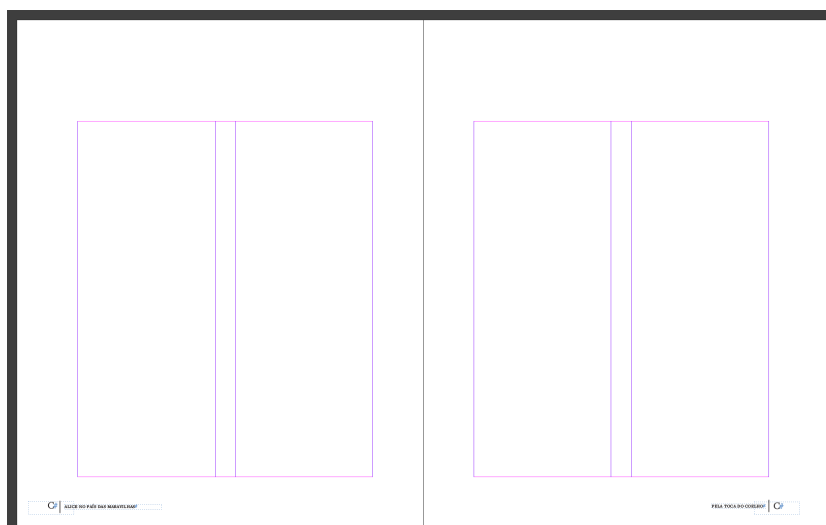


figura 36 - grid de duas colunas

Após, foi feita a escolha da tipografia para o texto, foi escolhida a fonte Freight Text, uma fonte serifada criada por Joshua Darden em 2004, com tamanho 11 pt e entrelinha 15 pt, que foi escolhida pela sua legibilidade. Também foi escolhida a fonte 1689 GLC Garamond para os títulos dos capítulos e capa do livro, essa foi escolhida pela suas falhas remetendo uma impressão com tipos.

ABCDEFGHIJKLM
NOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmn
opqrstuvwxyz
1234567890

figura 37 - fonte Freight Text pro

ABCDEFGHIJKLM
NOPQRSTUVWXYZ
ABCDEFGHIJKLMN
OPQRSTUVWXYZ
1234567890

figura 38 - fonte 1689 GLC Garamond

No início dos capítulos foi decidido o uso de letras capitulares, dando um início chamativo para o texto. As capitulares foram ilustradas com base na fonte e adicionados elementos do capítulo na ilustração, ideia que surgiu da referência Fairy Tales of the Grimm Brothers e trouxe um elemento descontraído para a capitular, fazendo uma união das ilustrações com o texto. A ilustração da capitular foi feita usando temas do capítulo, como por exemplo na capitular do capítulo 2 “A Lagoa de Lágrimas”, na figura 38 abaixo, onde a narrativa começa com Alice se tornado gigante, encolhe-se de novo e tendo um encontro com animais na lagoa que se formou por conta de suas lágrimas. Então esses elementos da narrativa foram ilustrados em conjunto com a capitular deste capítulo, assim dando ao leitor uma breve introdução do que vem a seguir no capítulo pela capitular.



figura 39 - capitular C e ilustração da capitular

No início de cada capítulo será colocada uma ilustração em conjunto com seu título, assim como as capitulares trazendo temas da narrativa do próprio capítulo.

5.4. Criação das ilustrações

Inicialmente foram definidos os tipos de ilustrações, elas foram divididas em: ilustrações de páginas inteiras, ilustrações de nomes de capítulo, ilustrações menores detalhadas e ilustrações menores em desenho de criança.

Depois os capítulos foram relidos no formato do livro definido e, a partir do levantamento de passagens, foram selecionadas algumas, juntamente com seus posicionamentos nas páginas, e qual tipo de ilustração ela seria.

Tendo o espaço que cada ilustração ocuparia na página, as mesmas foram feitas em tamanhos proporcionais, em um papel Canson XL Recycle 160g/m². Posteriormente os desenhos foram digitalizados e as páginas montadas no programa Adobe Photoshop CC.

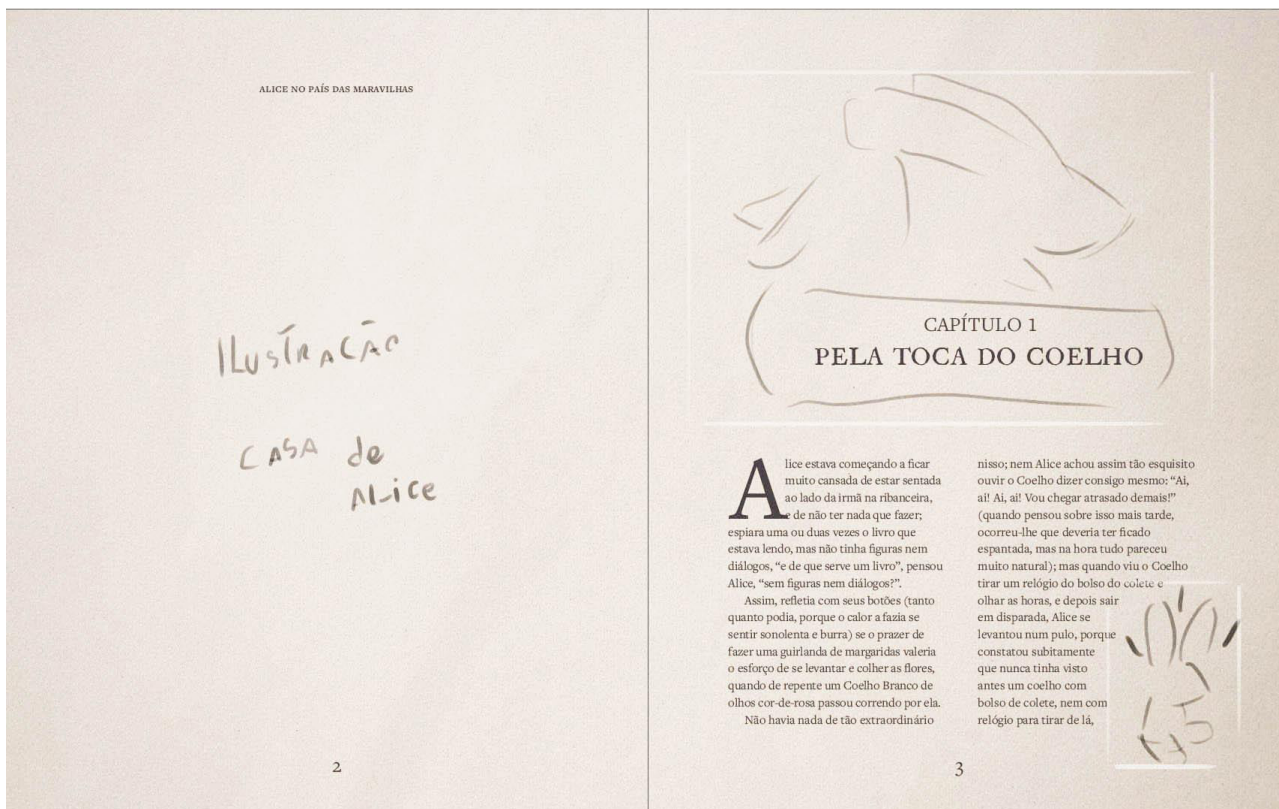


figura 40 - planejamento das páginas 1 e 2 do capítulo 1



figura 41 - páginas 1 e 2 do capítulo 1 com ilustrações

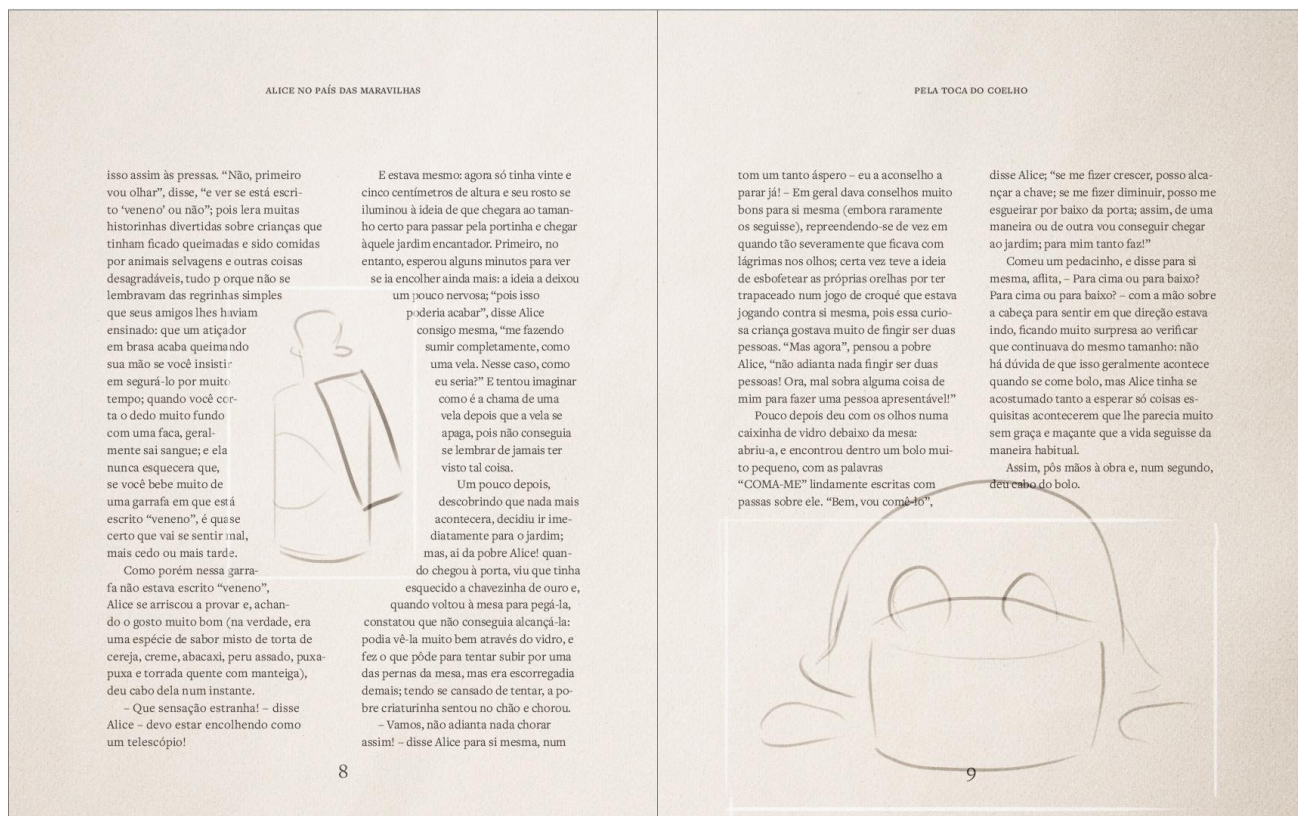


figura 42 - planejamento das páginas 7 e 8 do capítulo 1



figura 43 - páginas 7 e 8 do capítulo 1 com ilustrações

5.5. Capa

Para a capa do livro foi planejado uma capa de cor sólida com o título e alguns detalhes impressos em hot stamping similares à capa original de Alice (figura 5), e sobre ela uma sobrecapa com uma ilustração em lápis de cor. Representando a interação entre a história clássica, a capa, que sobreviveu à passagem do tempo, e sobre ela minha visão e minhas alterações, a contra capa.

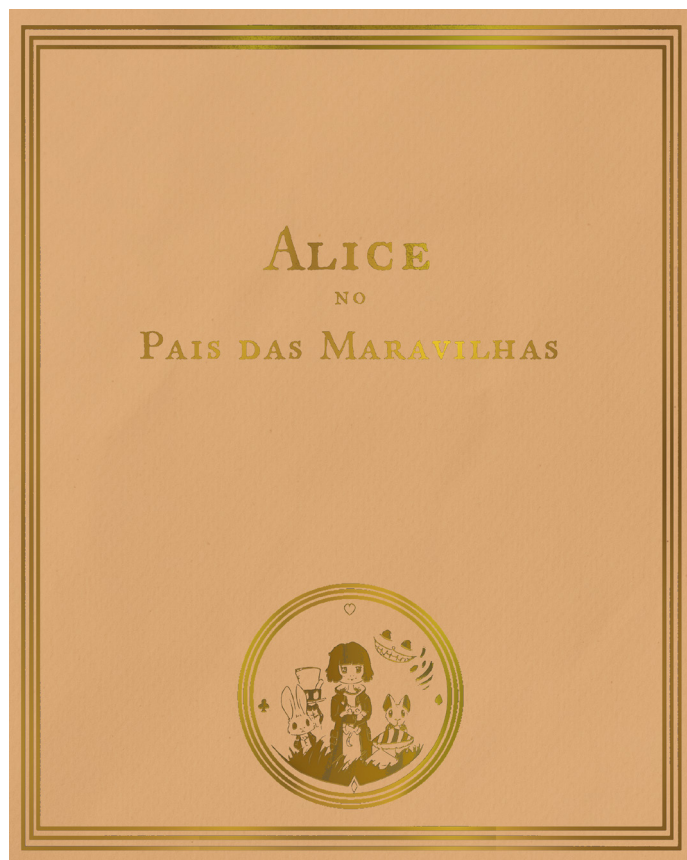


Figura 44 - capa da minha versão de Alice no País das Maravilhas sem contra capa



Figura 45 - capa da minha versão de Alice no País das Maravilhas com contra capa

6. dados técnicos

Depois de decidido todos os materiais, formatos e processos, tem se a descrição técnica da producoes do material.

Processo: offset CMYK

Encadernação: capa dura

Miolo:

- a) número de páginas: estimativa de 160 páginas, pois neste trabalho foram feitos apenas os capítulos 1,2 e 7
- b) formato: 20x25 cm
- c) papel: couche fosco 115gm²

Capa:

- a) formato: 20,5x25,5 cm
- b) papel: Canson Mi-Teintes *champagne*
- c) impressão: *hot stamping*

Sobrecapa:

- a) formato: 51x16
- b) papel: couche fosco 115gm²

7. Conclusão

Livros infanto-juvenis são importantes para a sociedade pois auxiliam o crescimento e desenvolvimento cognitivo e visual do público alvo.

Esse livro com ilustrações é consideravelmente pequeno, o que torna cada detalhe de edição e ilustração extremamente perceptível por afetar a expressão e sentimentos passados pelo livro diretamente e em uma grande amplitude. O espaçamento, estilo de desenho e tipografia foram selecionados para exprimir a intenção do artista pela interpretação tida tendo em vista a percepção original da história, a qual identifiquei como sendo alegre e espontânea.

Traduzi esse sentimento ao utilizar lápis de cor para ilustrar, remetendo à atividades típicas da infância, assim como o estilo de desenho descontraído. A grande quantidade de cores vibrantes e a arte cartunesca também foram utilizados para atribuir ao trabalho a ideia de leveza e amigabilidade. Deixar as páginas com a textura do papel contribui à ideia de conforto ao evidenciar as fibras que resultou em um livro harmônico e condizente com a proposta de fazer uma versão de “Alice no país das maravilhas” à minha leitura.

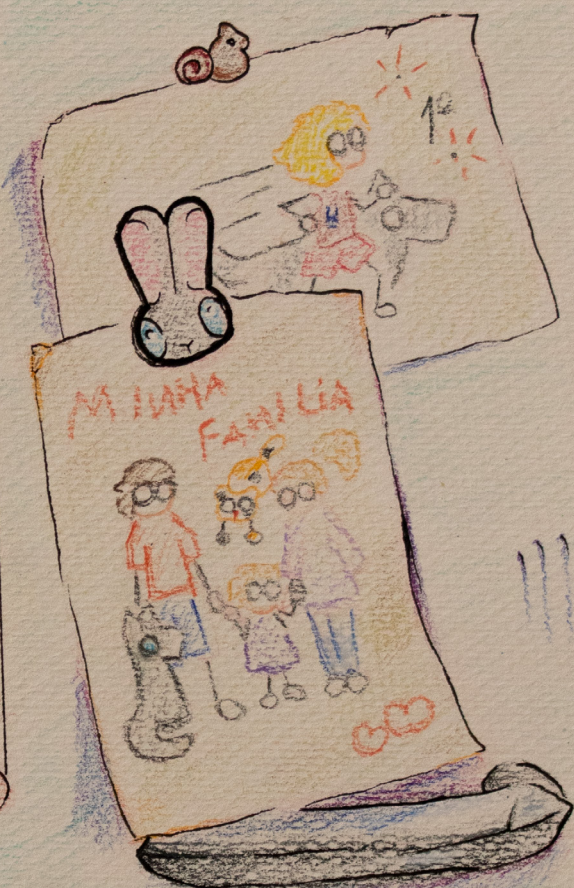
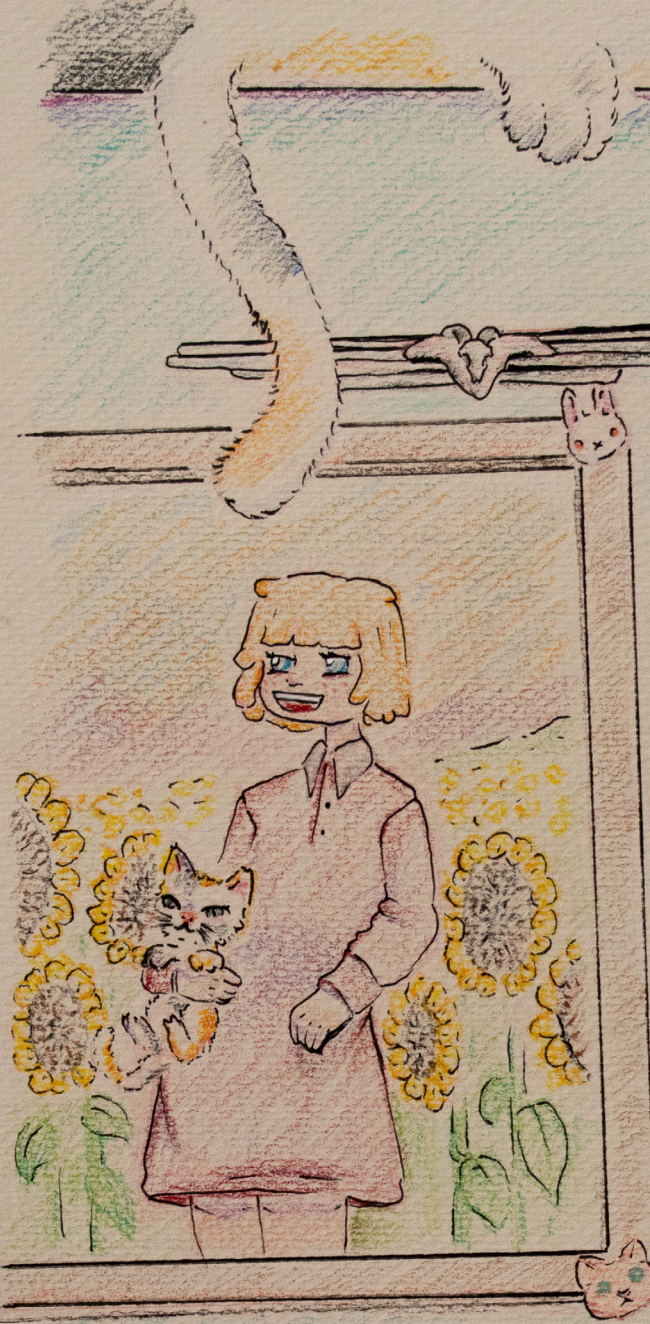
Os dois primeiros e o sexto capítulos foram executados, para demonstrar a criação e seleção do conceito final, retratando as habilidades e conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Considero o trabalho uma prospecção de sucesso em espelhar a minha capacidade de transcrever a ideia de um texto em uma interpretação gráfica coerente e utilizando técnicas de Design. Pretendo dar continuidade e terminar as ilustrações de todo o livro.

Bibliografia

1. VAN DER LINDEN, Sophia. Para ler o livro ilustrado. 1 ed. São Paulo: CosacNaify, 2011.
2. TSCHICHOLD, Jan. A Forma do Livro: Ensaios sobre a tipografia e estética do livro. 1 ed. São Paulo: Liz Gráfica, 2007.
3. <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2010-mar-07-la-ig-0307-alice-20100307-story.html>>
Acesso em 24/06/2019.

ALICE
NO PAIS DAS MARAVILHAS

Lewis Carrol




QUA	QUI	SEX	SAB	DOM
4	1	2	3	4

A L I E
C
R



CAPÍTULO 1

PELA TOCA DO COELHO



Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “e de que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”.

Assim, refletia com seus botões (tanto quanto podia, porque o calor a fazia se sentir sonolenta e burra) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as flores, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela.

Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o Coelho dizer consigo mesmo: “Ai, ai! Ai, ai! Vou chegar atrasado demais!” (quando pensou sobre isso mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter ficado espantada, mas na hora tudo pareceu muito natural); mas quando viu o Coelho tirar um relógio do bolso do colete e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou num pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de





colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda a pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca.

No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois.

Por um trecho, a toca de coelho seguia na horizontal, como um túnel, depois se afundava de repente, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando num poço muito fundo.

Ou o poço era muito fundo, ou ela caía muito devagar, porque enquanto caía teve tempo de sobra para olhar à sua volta e imaginar o que iria acontecer em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e ter uma ideia do que a esperava, mas estava escuro demais para se ver alguma coisa; depois olhou para as paredes do poço, e reparou que estavam forradas de guarda-louças e estantes de livros; aqui e ali, viu mapas e figuras pendurados em pregos. Ao passar, tirou um pote de uma das prateleiras; o rótulo dizia “GELEIA DE LARANJA”, mas para seu grande desapontamento

estava vazio: como não queria soltar o pote por medo de matar alguém, deu um jeito de metê-lo num dos guarda-louças por que passou na queda.

“Bem!” pensou Alice, “depois de uma queda desta, não vou me importar nada de levar um trambolhão na escada! Como vão me achar corajosa lá em casa! Ora, eu não diria nadinha, mesmo que caísse do topo da casa!” (O que muito provavelmente era verdade.)

Caindo, caindo, caindo. A queda não terminaria nunca? “Quantos quilômetros será que já caí até agora?” disse em voz alta. “Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso seria a uns seis mil e quinhentos quilômetros de profundidade, acho...” (pois, como você vê, Alice aprendera várias coisas desse tipo na escola e, embora essa não fosse uma oportunidade muito boa de exhibir seu conhecimento, já que não havia ninguém para escutá-la, era sempre bom repassar) “...sim, a distância certa é mais ou menos essa... mas, além disso, para que Latitude ou Longitude será que estou indo?” (Alice não tinha a menor ideia do que fosse Latitude, nem do que fosse Longitude, mas lhe pareciam palavras imponentes para se dizer.)

Logo recomeçou. “Gostaria de saber se vou cair direto através da Terra! Como vai ser engraçado sair no meio daquela gente que anda de cabeça para baixo! Os antipatias, acho...” (desta vez estava muito satisfeita por não haver ninguém escutan-

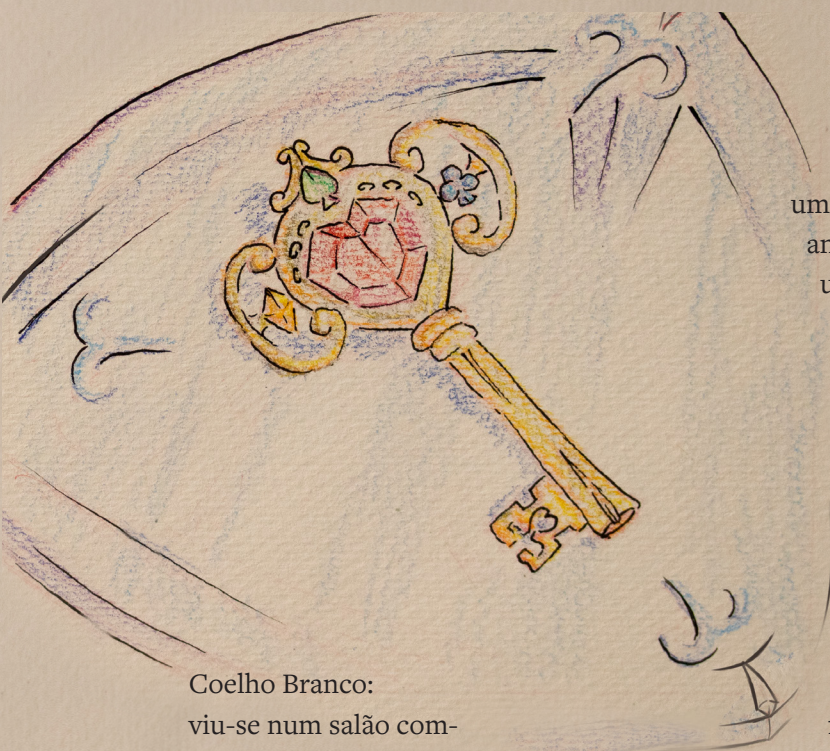
do, pois aquela não parecia mesmo ser a palavra certa) “...mas vou ter de perguntar a eles o nome do país. Por favor, senhora, aqui é a Nova Zelândia? Ou a Austrália?” (e tentou fazer uma mesura enquanto falava... imagine fazer mesura quando se está despencando no ar! Você acha que conseguiria?) “E que menininha ignorante ela vai achar que sou! Não, não convém perguntar nada: talvez eu veja o nome escrito em algum lugar.”

Caindo, caindo, caindo. Como não havia mais nada a fazer, Alice logo começou a falar de novo. “Tenho a impressão de que Dinah vai sentir muita falta de mim esta noite!” (Dinah era a gata.) “Espero que se lembrem de seu pires de leite na hora do chá. Dinah, minha querida! Queria que você estivesse aqui embaixo comigo! Pena que não haja nenhum camundongo no ar, mas você poderia apanhar um morcego, é muito parecido com camundongo. Mas será que gatos comem morcegos?” E aqui Alice começou a ficar com muito sono, e continuou a dizer para si mesma, como num sonho: “Gatos comem morcegos? Gatos comem morcegos?” e às vezes “Morcegos comem gatos?”, pois, como não sabia responder a nenhuma das perguntas, o jeito como as fazia não tinha muita importância. Sentiu

que estava cochilando e tinha começado a sonhar que estava andando de mãos dadas com Dinah, dizendo a ela, muito séria: “Vamos, Dinah, conte-me a verdade: algum dia você já comeu um morcego?” quando subitamente, bum! bum! caiu sobre um monte de gravetos e folhas secas: a queda terminara.

Alice não ficou nem um pouco machucada, e num piscar de olhos estava de pé. Olhou para cima, mas lá estava tudo escuro; diante dela havia um outro corredor comprido e o Coelho Branco ainda estava à vista, andando ligeiro por ele. Não havia um segundo a perder; lá se foi Alice como um raio, tendo tempo apenas de ouvi-lo dizer, ao dobrar uma esquina: “Por minhas orelhas e bigodes, como está ficando tarde!” Ela estava bem rente a ele, mas quando dobrou a esquina não havia mais sinal do





Coelho Branco:
viu-se num salão com-
prido e baixo, iluminado por uma fileira
de lâmpadas penduradas do teto.

Havia portas ao redor do salão inteiro,
mas estavam todas trancadas; depois de
percorrer todo um lado e voltar pelo out-
ro, experimentando cada porta, caminhou
desolada até o meio, pensando como
haveria de sair dali.

De repente topou com uma mesinha
de três pernas, feita de vidro maciço;
sobre ela não havia nada, a não ser uma
minúscula chave de ouro, e a primeira
ideia de Alice foi que devia pertencer a
uma das portas do salão; mas, que pena!
ou as fechaduras eram grandes demais, ou
a chave era pequena demais, de qualquer
maneira não abria nenhuma delas. No
entanto, na segunda rodada, deu com

uma cortina baixa que não havia notado
antes; atrás dela havia uma portinha de
uns quarenta centímetros de altura:
experimentou a chavezinha de ouro,
que, para sua grande alegria, serviu!

Abriu a porta e descobriu que
dava para uma pequena passagem,
não muito maior que um buraco
de rato: ajoelhou-se e avistou, do
outro lado do buraco, o jardim mais
encantador que já se viu. Como
desejava sair daquele salão escuro
e passear entre aqueles canteiros de
flores radiantes e aquelas fontes de
água fresca! Mas não era capaz nem de en-
fiar a cabeça pelo vão da porta, “e mesmo
que conseguisse enfiar a cabeça”, pensou
a pobre Alice, “isso de pouco adiantaria
sem meus ombros. Ah, como gostaria de
poder me fechar como um telescópio!
Acho que conseguiria, se soubesse pelo
menos começar.” Pois, vejam bem, havia
acontecido tanta coisa esquisita ultima-
mente que Alice tinha começado a pensar
que raríssimas coisas eram realmente
impossíveis.

Como ficar esperando junto da
portinha parecia não adiantar muito,
voltou até a mesa com uma ponta de
esperança de conseguir achar outra chave
sobre ela, ou pelo menos um manual
com regras para encolher pessoas como

telescópios; dessa vez achou lá uma garrafinha (“que com certeza não estava aqui antes”, pensou Alice), em cujo gargalo estava enrolado um rótulo de papel com as palavras “BEBA-ME” graciosamente impressas em letras graúdas.

Era muito fácil dizer “Beba-me”, mas a ajuizada pequena Alice não iria fazer isso assim às pressas. “Não, primeiro vou olhar”, disse, “e ver se está escrito ‘veneno’ ou não”; pois lera muitas historinhas divertidas sobre crianças que tinham ficado queimadas e sido comidas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regrinhas simples que seus amigos lhes haviam ensinado: que um atizador em brasa acaba queimando sua mão se você insistir em segurá-lo por muito tempo; quando você corta o dedo muito fundo com uma faca, geralmente sai sangue; e ela nunca esquecera que, se você bebe muito de uma garrafa em que está escrito “veneno”, é quase certo que vai se sentir mal, mais cedo ou mais tarde.

Como porém nessa garrafa não estava escrito “veneno”, Alice se arriscou a provar e, achando o gosto muito bom (na

verdade, era uma espécie de sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga), deu cabo dela num instante.

– Que sensação estranha! – disse Alice – devo estar encolhendo como um telescópio!

E estava mesmo: agora só tinha vinte e cinco centímetros de altura e seu rosto se iluminou à ideia de que chegara ao tamanho certo para passar pela portinha e chegar àquele jardim encantador. Primeiro, no entanto, esperou alguns minutos para ver se ia encolher ainda mais: a ideia a deixou um pouco nervosa; “pois isso poderia acabar”, disse Alice consigo mesma, “me fazendo sumir completamente, como uma vela. Nesse caso, como eu seria?” E tentou imaginar como é a chama de uma vela depois que a vela se apaga, pois não conseguia se lembrar de jamais ter visto tal coisa.

Um pouco depois, descobrindo que nada mais acontecera, decidiu ir imediatamente para o jardim; mas, aí da pobre Alice! quando chegou à porta, viu que tinha esquecido a chavezinha de ouro e, quando voltou à mesa para pegá-la, constatou que



não conseguia alcançá-la: podia vê-la muito bem através do vidro, e fez o que pôde para tentar subir por uma das pernas da mesa, mas era escorregadia demais; tendo se cansado de tentar, a pobre criaturinha sentou no chão e chorou.

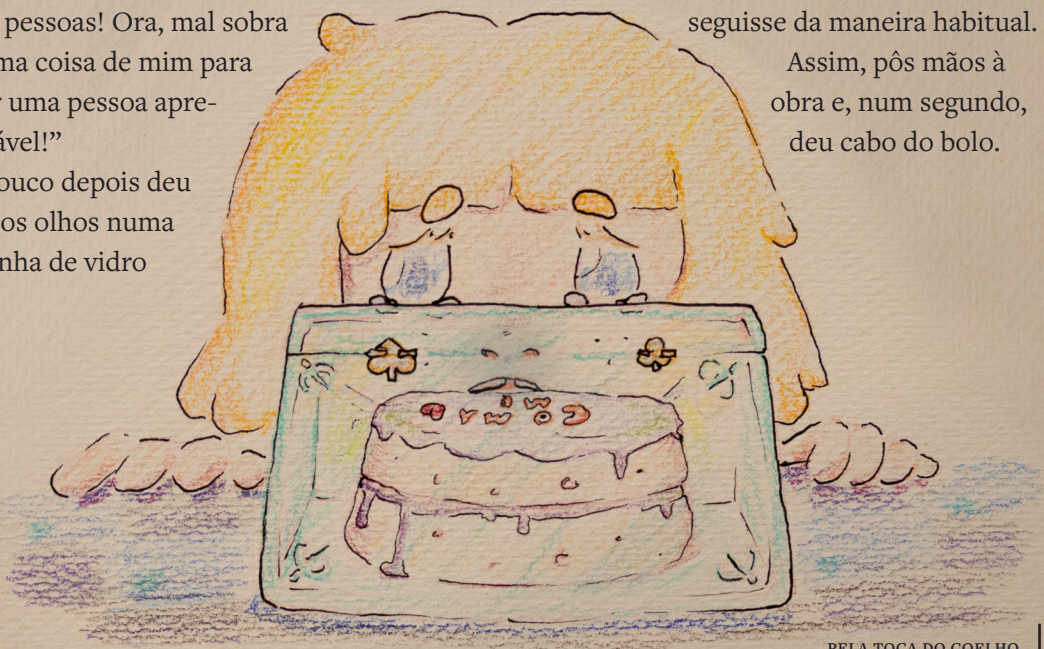
– Vamos, não adianta nada chorar assim! – disse Alice para si mesma, num tom um tanto áspero – eu a aconselho a parar já! – Em geral dava conselhos muito bons para si mesma (embora raramente os seguisse), repreendendo-se de vez em quando tão severamente que ficava com lágrimas nos olhos; certa vez teve a ideia de esbofetear as próprias orelhas por ter trapaceado num jogo de croqué que estava jogando contra si mesma, pois essa curiosa criança gostava muito de fingir ser duas pessoas. “Mas agora”, pensou a pobre Alice, “não adianta nada fingir ser duas pessoas! Ora, mal sobra alguma coisa de mim para fazer uma pessoa apresentável!”

Pouco depois deu com os olhos numa caixinha de vidro

debaixo da mesa: abriu-a, e encontrou dentro um bolo muito pequeno, com as palavras “COMA-ME” lindamente escritas com passas sobre ele. “Bem, vou comê-lo”, disse Alice; “se me fizer crescer, posso alcançar a chave; se me fizer diminuir, posso me esgueirar por baixo da porta; assim, de uma maneira ou de outra vou conseguir chegar ao jardim; para mim tanto faz!”


Comeu um pedacinho, e disse para si mesma, aflita, – Para cima ou para baixo? Para cima ou para baixo? – com a mão sobre a cabeça para sentir em que direção estava indo, ficando muito surpresa ao verificar que continuava do mesmo tamanho: não há dúvida de que isso geralmente acontece quando se come bolo, mas Alice tinha se acostumado tanto a esperar só coisas esquisitas acontecerem que lhe parecia muito sem graça e maçante que a vida seguisse da maneira habitual.

Assim, pôs mãos à obra e, num segundo, deu cabo do bolo.





CAPÍTULO 2 A LAGOA DE LÁGRIMAS

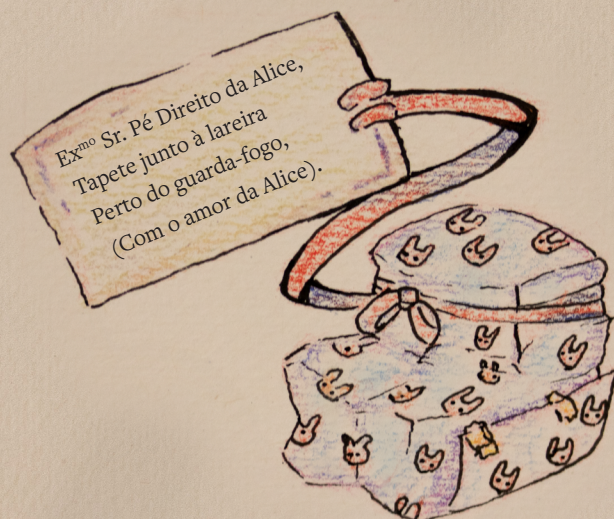


Cada vez mais estranhí-
simo! – exclamou Alice
(a surpresa fora tanta que
por um instante realmente
esqueceu como se fala
direito) – Agora estou espichando como
o maior telescópio que já existiu! Adeus,
pés! (pois, quando olhou para eles,
pareciam quase fora do alcance de sua
vista, de tão distantes).

“Oh, meus pobres pezinhos, quem
será que vai calçar meias e sapatos em
vocês agora, queridos? Com certeza, eu é
que não vou conseguir! Vou estar longe
demais para me incomodar com vocês:
arranjem-se como puderem... Mas preciso
ser gentil com eles”, pensou Alice, “ou
quem sabe não vão andar no rumo que

quero! Deixe-me ver. Vou dar um par de
botinas novas para eles todo Natal.”

E continuou planejando com seus
botões como faria isso. “Vão ter de ir pelo
correio”, pensou; “e que engraçado vai ser,
mandar presentes para os próprios pés! E
como o endereço vai parecer estranho!



– Ai, ai, quanto disparate estou dizendo!

Exatamente nesse momento sua cabeça bateu no teto do salão: de fato, agora estava com quase três metros; agarrou imediatamente a chavezinha de ouro e foi ligeiro para a porta do jardim.

Pobre Alice! O máximo que conseguiu, deitada de lado, foi olhar para o jardim com um olho só; chegar lá estava mais impossível que nunca: sentou-se e começou a chorar de novo.

– Devia ter vergonha – disse Alice – uma menina grande como você (podia bem dizer isso), chorando dessa maneira! Pare já, já, estou mandando!

– Mesmo assim continuou, derramando galões de lágrimas, até que à sua volta se formou uma grande lagoa, com cerca de meio palmo de profundidade e se estendendo até a metade do salão.

Passado algum tempo, ouviu uns passinhos à distância e enxugou as lágrimas mais que depressa para ver o que estava chegando. Era o Coelho Branco de volta, esplendidamente vestido, com um par de luvas brancas de pelica em uma das mãos e um grande leque na outra: vinha a toda a pressa, muito afobado, murmurando consigo:

– Oh, a Duquesa, a Duquesa! Oh! Como vai ficar furiosa se eu a tiver feito esperar!

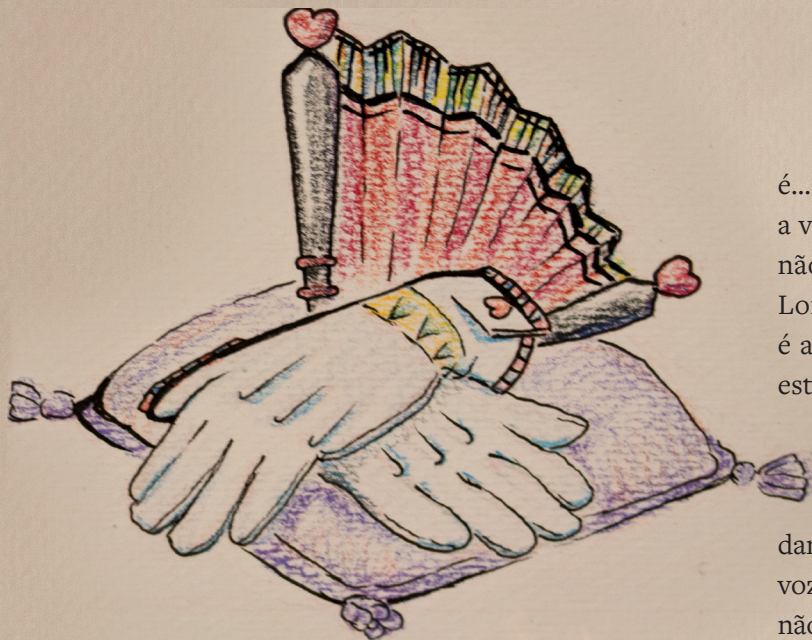


Alice estava tão desesperada que se sentia disposta a pedir ajuda a qualquer um; assim, quando o Coelho Branco se aproximou, começou, com uma vozinha baixa, tímida:

– Por gentileza, Sir... – O Coelho teve um forte sobressalto, deixou cair as luvas brancas de pelica e o leque, e escapuliu para a escuridão o mais depressa que pôde.

Alice apanhou o leque e as luvas, e, como fazia muito calor no salão, ficou se abanando sem parar enquanto falava:

– Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando



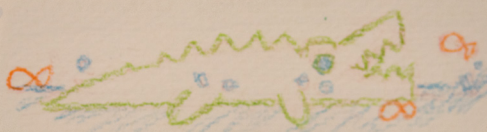
me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: 'Afinal de contas quem sou eu?' Ah, este é o grande enigma!" E começou a pensar em todas as crianças da sua idade que conhecia, para ver se poderia ter sido trocada por alguma delas.

– Ada com certeza não sou – disse Alice – porque o cabelo dela tem cachos bem longos, e o meu não tem cacho nenhum; é claro que não posso ser Mabel, pois sei todo tipo de coisas e ela, oh! sabe tão pouquinho! Além disso, ela é ela, e eu sou eu, e... ai, ai, que confusão é isto tudo! Vou experimentar para ver se sei tudo que sabia antes. Deixe-me ver: quatro vezes cinco é doze, e quatro vezes seis é treze, e quatro vezes sete

é... ai, ai! deste jeito nunca vou chegar a vinte! Mas a Tabuada de Multiplicar não conta; vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma... não, está tudo errado, eu sei! Devo ter sido trocada pela Mabel! Vou tentar recitar 'Como pode...' – e de mãos cruzadas no colo, como se estivesse dando lição, começou a recitar, mas sua voz soava rouca e estranha e as palavras não vieram como costumavam:

*Como pode o crocodilo
Fazer sua cauda luzir,
Borrifando a água do Nilo
Que dourada vem cair?*

*Sorriso largo, vai nadando,
E de manso, enquanto nada,
Os peixinhos vai papando
Co'a bocarra escancarada!*



– Tenho certeza de que estas não são as palavras certas – disse a pobre Alice, e seus olhos se encheram de lágrimas de novo enquanto continuava. – Afinal de contas, devo ser Mabel, e vou ter de ir

morar naquela casinha apertada, e não ter quase nenhum brinquedo com que brincar, e oh! muitíssimas lições para aprender! Não, minha decisão está tomada; se sou Mabel, vou ficar aqui! Não vai adiantar nada eles encostarem suas cabeças no chão e pedirem ‘Volte para cá, querida!’ Vou simplesmente olhar para cima e dizer ‘Então quem sou eu? Primeiro me digam; aí, se eu gostar de ser essa pessoa, eu subo; se não, fico aqui embaixo até ser alguma outra pessoa’... Mas, ai, ai! – exclamou Alice numa súbita explosão de lágrimas – queria muito que encostassem a cabeça no chão! Estou tão cansada de ficar assim sozinha aqui!”

Ao dizer isto, olhou para as suas mãos e teve a surpresa de ver que calçara uma das luvinhas brancas de pelica do Coelho enquanto falava. “Como posso ter feito isso?” pensou. “Devo estar ficando pequena de novo.” Levantou-se, foi até a mesa para se medir por ela e descobriu que, tanto quanto podia calcular, estava agora com uns sessenta centímetros, continuando

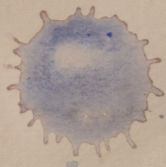
a encolher rapidamente: logo descobriu que a causa era o leque que estava segurando e jogou-o bruscamente no chão, escapando por pouco de encolher até sumir de vez.

– Foi por um triz! – disse Alice, bastante apavorada com a mudança repentina, mas muito satisfeita por ainda estar existindo. – E agora, para o jardim!

E correu a toda de volta à portinha mas, que pena! a portinha se fechara de novo e a chavezinha de ouro continuava sobre a mesa como antes; “as coisas estão piores que nunca”, pensou a pobre criança, “pois nunca fui tão pequena assim antes, nunca! Eu garanto, isto é muito ruim, de verdade!”

Quando dizia essas palavras, pisou em falso e, num instante, tchibum! estava com água salgada até o queixo. A primeira ideia que lhe ocorreu foi que, de alguma maneira, caíra no mar, “e nesse caso posso voltar de trem”, disse de si para si. (Alice tinha estado à beira-mar uma vez na vida, e chegara à conclusão geral de que, onde quer que se vá no litoral da Inglaterra, encontram-se uma porção





de máquinas de banho no mar, algumas crianças escavando a areia com pás de madeira, uma fileira de hospedarias e, atrás delas, uma estação ferroviária.) Contudo, logo se deu conta de que estava na lagoa de lágrimas que chorara quando tinha quase três metros.

– Gostaria de não ter chorado tanto!
– disse Alice, enquanto nadava de um lado para outro, tentando encontrar uma saída. – Parece que vou ser castigada por isso agora, afogando-me nas minhas próprias lágrimas! Vai ser uma coisa esquisita, lá isso vai! Mas está tudo esquisito hoje.

Nesse instante, ouviu alguma coisa espadanando água na lagoa um pouco adiante e se aproximou a nado para ver o que era: de início pensou que devia ser uma morsa ou um hipopótamo, mas então se lembrou do quão pequena estava agora e logo se deu conta de que era só um camundongo que também escorregara na água.

“Será que adiantaria alguma coisa, agora,” pensou Alice, “falar com este camundongo? É tudo tão estranho aqui embaixo que é bem capaz de ele saber falar; de qualquer modo, não custa tentar.” Assim, começou:

– Ó Camundongo, sabe como se faz para sair desta lagoa? Estou muito cansada de ficar nadando para todo lado,

ó Camundongo! – Alice achava que essa devia ser a maneira correta de se dirigir a um camundongo; nunca fizera isso antes, mas se lembrava de ter visto na Gramática Latina do irmão

– Um camundongo... de um camundongo... para um camundongo... um camundongo... ó camundongo! – o Camundongo lançou-lhe um olhar um tanto inquisitivo, pareceu piscar um olho, mas não disse nada.

“Talvez não entenda inglês”, pensou Alice. “Aposto que é um camundongo francês, que veio com Guilherme, o Conquistador.” (Pois, com todo o seu conhecimento de história, Alice não tinha uma ideia lá muito clara de há quantotempo qualquer coisa tinha acontecido.) Assim, recomeçou:

– Où est ma chatte? – que era a primeira frase do seu livro de francês. O Camundongo pulou fora d’água e pareceu estremecer todo de medo. – Oh, desculpe-me! – Alice se apressou em exclamar, temendo ter magoado os sentimentos do pobre animal. – Esqueci completamente que você não gostava de gatos.

– Não gostar de gatos! – gritou o Camundongo com uma voz estridente, exaltada. – Você gostaria, se fosse eu?

– Bem, talvez não – respondeu Alice num tom apaziguador – Não se zangue com isso. Mesmo assim, gostaria de poder



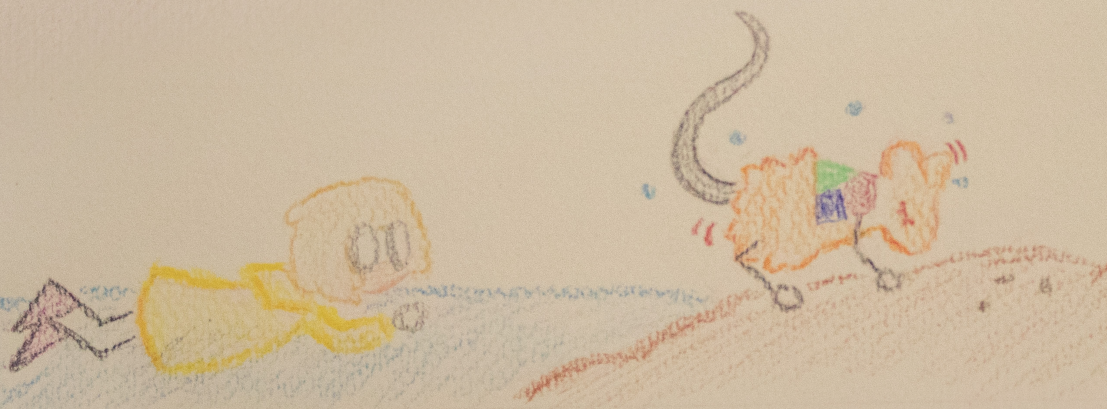
lhe mostrar nossa gata Dinah: acho que começaria a ter uma quedinha por gatos se ao menos pudesse vê-la. É uma coisinha tranquila, tão querida – Alice continuou, falando mais para si mesma, enquanto nadava lentamente pela lagoa – se senta ronronando tão bonitinho junto da lareira, lambendo as patas e limpando o rosto... é um bichinho tão macio para se ninar... e é tão formidável para pegar camundongos... oh, desculpe-me! – exclamou de novo, porque desta vez o Camundongo estava ficando todo arrepiado, o que lhe deu a certeza de que devia estar realmente ofendido. – Nós não falaremos mais sobre ela, se você prefere.

– Nós, é claro! – gritou o Camundongo, que agora tremia até a ponta do rabo – Como se eu fosse falar de um assunto desse! Nossa família sempre

detestou gatos: criaturas nojentas, baixas, vulgares! Não me faça ouvir esse nome de novo!

– Pode estar certo que não! – disse Alice, aflita por mudar o rumo da conversa. – Por acaso você... gosta... de... de cachorros? – Como o Camundongo não respondeu, Alice continuou, animada:

– Há um cachorrinho tão lindo perto da nossa casa, gostaria de lhe mostrar! Um terrier pequenino, de olhos espertos, sabe, com oh! um pelo marrom tão encaracolado! E ele apanha as coisas quando a gente joga, e se senta e pede o seu jantar, essas coisas todas... Não consigo me lembrar de metade delas... e o dono dele, um fazendeiro, sabe, diz que ele é tão útil que vale uma centena de



libras! Diz que mata todos os ratos... ai, ai! – exclamou Alice, condoída. –Acho que o ofendi de novo!

Pois o Camundongo estava se afastando dela a nado o mais rápido que podia, causando um verdadeiro rebuliço na lagoa.

Então ela o chamou bem de mansinho:

–Querido Camundongo! Volte aqui, e não falaremos mais de gatos nem tampouco de cachorros, se não gosta deles! – Ao ouvir isso, o Camundongo deu meia-volta e veio nadando devagar em direção a ela: tinha o rosto pálido (de emoção, pensou Alice), e disse com voz baixa e trêmula:

–Vamos para a margem. Lá eu lhe contarei minha história e você vai compreender por que odeio gatos e cachorros.

Era mais do que hora de ir, pois a lagoa estava ficando apinhada de aves e animais que tinham caído nela: havia um Pato e um Dodô, um Papagaio e uma Aguieta, além de várias outras criaturas curiosas. Alice tomou a dianteira e o grupo todo nadou para a margem.





CAPÍTULO 7 UM CHÁ MALUCO



Em frente à casa havia uma mesa posta sob uma árvore, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá; entre eles estava sentado um Arganaz, que dormia a sono solto, e os dois o usavam como almofada, descansando os cotovelos sobre ele e conversando por sobre sua cabeça. “Muito desconfortável para o Arganaz”, pensou Alice; “só que, como está dormindo, suponho que não se importa.”

Era uma mesa grande, mas os três estavam espremidos numa ponta:

– Não há lugar! Não há lugar! – gritaram ao ver Alice se aproximando.

– Há lugar de sobra! – disse Alice,

indignada, e sentou-se numa grande poltrona à cabeceira.

– Tome um pouco de vinho – disse a Lebre de Março num tom animador.

Alice correu os olhos pela mesa toda, mas ali não havia nada além de chá. – Não vejo nenhum vinho – observou.

– Não há nenhum – confirmou a Lebre de Março.

– Então não foi muito polido da sua parte oferecer – irritou-se Alice.

– Não foi muito polido da sua parte sentar-se sem ser convidada – retrucou a Lebre de Março.

– Não sabia que a mesa era sua – declarou Alice – está posta para muito mais do que três pessoas.

– Seu cabelo está precisando de um corte – disse o Chapeleiro. Fazia algum tempo que olhava para Alice com muita curiosidade, e essas foram suas primeiras palavras.

– Devia aprender a não fazer comentários pessoais – disse Alice com alguma severidade – é muito indelicado.

O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso; mas disse apenas:

– Por que um corvo se parece com uma escrivaninha?

“Oba, vou me divertir um pouco agora!” pensou Alice. “Que bom que tenham começado a propor adivinhações.” E acrescentou em voz alta:

– Acho que posso matar esta.

– Está sugerindo que pode achar a resposta? – perguntou a Lebre de Março.

– Exatamente isso – declarou Alice.

– Então deveria dizer o que pensa – a Lebre de Março continuou.

– Eu digo – Alice respondeu apressadamente – pelo menos... pelo menos eu penso o que digo... é a mesma coisa, não?

– Nem de longe a mesma coisa! – disse o Chapeleiro – Seria como dizer que “vejo o que como” é a mesma coisa que “como o que vejo”!

– Ou o mesmo que dizer – acrescentou a Lebre de Março

– que “aprecio o que tenho” é a mesma coisa que “tenho o que aprecio”!

– Ou o mesmo que dizer – acrescentou o Arganaz, que parecia estar falando dormindo – que “respiro quando durmo” é a mesma coisa que “durmo quando respiro”!

– É a mesma coisa no seu caso – disse o Chapeleiro, e neste ponto a conversa arrefeceu, e o grupo ficou sentado em silêncio por um minuto, enquanto Alice refletia sobre tudo de que conseguia se lembrar sobre corvos e escrivaninhas, o que não era muito.

O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio. – Que dia do mês é hoje? – disse, voltando-se para Alice. Tinha tirado seu relógio da algibeira e estava olhando para ele com apreensão, dando-lhe umas sacudidelas vez por outra e levando-o ao ouvido.

Alice pensou um pouco e disse:

– Dia quatro.

– Dois dias de atraso! – suspirou o



Chapeleiro – Eu lhe disse que manteiga não ia fazer bem para o maquinismo!
– acrescentou, olhando furioso para a Lebre de Março.

– Era manteiga da melhor qualidade – respondeu humildemente a Lebre de Março.

– Sim, mas deve ter entrado um pouco de farelo – o Chapeleiro rosnou. – Você não devia ter usado a faca de pão.

A Lebre de Março pegou o relógio e contemplou-o melancolicamente. Depois mergulhou-o na sua xícara de chá e fitou-o de novo. Mas não conseguiu encontrar nada melhor para dizer que seu primeiro comentário:

– Era manteiga da melhor qualidade.

Alice estivera olhando por cima do ombro dela com certa curiosidade.

– Que relógio engraçado! – observou.

– Marca o dia do mês, e não marca a hora!

– Por que deveria? – resmungou o Chapeleiro. – Por acaso o seu relógio marca o ano?

– Claro que não – Alice respondeu mais que depressa – mas é porque continua sendo o mesmo ano por muito tempo seguido.

– O que é exatamente o caso do meu – disse o Chapeleiro.

Alice ficou



terrivelmente espantada. A observação do
Chapeleiro lhe parecia não fazer nenhum
tipo de sentido, embora, sem dúvida, os
dois estivessem falando a mesma língua.

– Não o entendo bem – disse, o mais
polidamente que pôde.

– O Arganaz está dormindo de novo –
disse o Chapeleiro, e derramou um pouco
de chá quente sobre o nariz dele.

O Arganaz jogou a cabeça para
trás com impaciência e disse, sem
abrir os olhos:

– É claro, é claro; é precisamente isso
que eu ia observar.

– Já decifrou o enigma? – indagou o Cha-
peleiro, voltando-se de novo para Alice.

– Não, desisto – Alice respondeu. –
Qual é a resposta?

– Não tenho a menor ideia – disse o
Chapeleiro.

– Nem eu – disse a Lebre de Março.

Alice suspirou, entediada – Acho
que vocês poderiam fazer alguma coisa
melhor com o tempo – disse-do que
gastá-lo com adivinhações que não
têm resposta.

– Se você conhecesse o Tempo tão
bem quanto eu – disse o Chapeleiro –
falaria dele com mais respeito.

– Não sei o que quer dizer – dis-
se Alice.

– Claro que não! – desdenhou o



Chapeleiro, jogando a cabeça para trás.
– Atrevo- me a dizer que você nunca chegou a falar com o Tempo!

– Talvez não – respondeu Alice, cautelosa, – mas sei que tenho de bater o tempo quando estudo música.

– Ah! Isso explica tudo – disse o Chapeleiro – Ele não suporta apanhar. Mas, se você e ele vivessem em boa paz, ele faria praticamente tudo o que você quisesse com o relógio. Por exemplo, suponha que fossem nove horas da manhã, hora de estudar as lições; bastaria um cochicho para o Tempo, e o relógio giraria num piscar de olhos! Uma e meia, hora do almoço!

(– Só queria que fosse mesmo – a Lebre de Março sussurrou para si mesma.)

– Seria formidável, sem dúvida – disse Alice, pensativa – Mas nesse caso eu não estaria com fome, não é?”

– Não a princípio, talvez – disse o Chapeleiro – mas você poderia mantê-lo em uma e meia até quando quisesse.

– É assim que você faz? – perguntou Alice.

O Chapeleiro sacudiu a cabeça, pesaroso. – Eu não! – respondeu – Brigamos em março passado... pouco antes de ela enlouquecer, sabe... (apontando a Lebre de Março com sua

colher de chá); foi no grande concerto dado pela Rainha de Copas, e eu tinha de cantar “*Pisca, pisca, ó morcego! Que eu aqui quero sossego!*” Você conhece a canção, talvez?

– Já ouvi alguma coisa parecida – disse Alice – Ela continua, sabe..

prosseguiu a Lebre, assim:

– “*Por sobre o mundo você adeja Qual chá numa grande bandeja Pisca, pisca...*”

Nessa altura o Arganaz se sacudiu e começou a cantar dormindo

– “Pisca, pisca, pisca, pisca...” – e continuou por tanto tempo que tiveram de lhe dar um beliscão para fazê-lo parar.

– Bem, eu mal acabara a primeira estrofe – disse o Chapeleiro – quando a Rainha deu um pulo e berrou: “Ele está assassinando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!”

– Terrivelmente



cruel! – exclamou Alice.

– E desde aquele momento – continuou o Chapeleiro, desolado – ele não faz o que peço! Agora, são sempre seis horas.

Alice teve uma ideia luminosa. – É por isso que há tanta louça de chá na mesa? – perguntou.

– É, é por isso – suspirou o Chapeleiro – é sempre hora do chá, e não temos tempo de lavar a louça nos intervalos.

– Então ficam mudando de um lugar para outro em círculos, não é? – disse Alice.

– Exatamente – concordou o Chapeleiro – à medida que a louça se suja.

– Mas o que acontece quando chegam de novo ao começo? – Alice se aventurou a perguntar.

– Que tal mudar de assunto? – interrompeu a Lebre de Março, bocejando. – Estou ficando cansada disto. Proponho que esta senhorita nos conte uma história.

– Temo não saber nenhuma – disse Alice, bastante alarmada.

– Sendo assim, o Arganaz vai contar! – gritaram os dois. – Acorde, Arganaz! – e o beliscaram dos dois lados ao mesmo tempo.

O Arganaz abriu os olhos lentamente. – Não estava dormindo – disse com voz rouca e débil. – Ouvi cada palavra que estavam dizendo.

– Conte-nos uma história! – disse a Lebre de Março.

– Conte, por favor! – implorou Alice.

– E trate de ser rápido – acrescentou o Chapeleiro – ou vai dormir de novo antes de terminá-la.

– Era uma vez três irmãzinhas – começou o Arganaz, muito afobado;

– e elas se chamavam Elsie, Lacie e Tillie; e moravam no fundo de um poço...

– O que elas comiam? – perguntou Alice, sempre muito interessada no que dizia respeito a comer e beber.

– Comiam melado – respondeu o





Arganaz,
depois de pensar um ou dois
minutos.

– Não pode ser – Alice observou
gentilmente – teriam ficado doentes.

– E ficaram – disse o Arga-naz – muito
doentes.

Alice tentou imaginar como seria viver
dessa maneira tão extraordinária, mas isso
a deixou confusa demais, e ela foi adiante:

– Mas por que moravam no fundo
de um poço?

– Tome mais um pouco de chá – a
Lebre de Março disse a Alice, de manei-
ra muito sincera.

– Como ainda não tomei nenhum –
Alice respondeu num tom ofendido –
não posso tomar mais.

– Você quer dizer que não pode tomar
menos – falou o Chapeleiro – é muito
fácil tomar mais do que nada.

– Ninguém pediu a sua opinião –
disse Alice.

–
Quem
está
fazendo
comentários pessoais
agora? – perguntou o Chapeleiro,
triunfante.

Como não soube muito bem o que
responder a isso, Alice se serviu de um
pouco de chá e pão com manteiga,
em seguida virou-se para o Arganaz e
repetiu sua pergunta:

– Por que moravam no fundo de
um poço?

Mais uma vez o Arganaz levou um ou
dois minutos pensando e depois disse:

– Era um poço de melado.

– Isso não existe! – Alice estava
começando a dizer, muito irritada,
mas o Chapeleiro e a Lebre de Março
fizeram “psss! psss!” e o Arganaz
observou amuado:

– Se não pode ser educada, é melhor
você mesma terminar a história.

– Não, por favor continue! – Alice
disse muito humildemente. – Não vou
interromper de novo. Vou fazer de conta
que existe um.

– Um, francamente! – disse o Arganaz, indignado. Mesmo assim, consentiu em continuar – Então essas três irmãzinhas... elas estavam aprendendo a tirar, entendem...

– Atirar no quê? – perguntou Alice, completamente esquecida de sua promessa.

– A tirar melado – disse o Arganaz, desta vez sem pestanejar.

– Quero uma xícara limpa – interrompeu o Chapeleiro – vamos avançar um lugar.

Enquanto falava, passou para a cadeira seguinte e o Arganaz o acompanhou; a Lebre de Março passou para o lugar do Arganaz, e Alice, muito a contragosto, tomou o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro foi o único que tirou algum proveito da mudança e Alice ficou bem pior que antes, pois a Lebre de Março tinha acabado de virar a leiteira no seu prato.

Como não queria ofender o Arganaz de novo, Alice começou com muita cautela:

– Não consigo entender. De onde tiravam melado?

– Pode-se tirar água de um poço d'água – disse o Chapeleiro – portanto você deveria admitir

que se pode tirar melado de um poço de melado... não, sua burra?

– Mas elas estavam dentro do poço – disse Alice ao Arganaz, preferindo desconsiderar essa última observação.

– Claro que estavam – disse o Arganaz – bem no fundo.

Esta resposta confundiu tanto a pobre Alice que ela deixou o Arganaz continuar por algum tempo sem o interromper.

– Elas estavam aprendendo a tirar – prosseguiu o Arganaz, bocejando e esfregando os olhos, pois estava ficando com muito sono – e tiravam todo tipo de coisa... todo tipo de coisa que começa com M...

– Por que com M? – perguntou Alice.

– Por que não? – quis saber a Lebre de



Março. Alice se calou.

A essa altura o Arganaz fechara os olhos e estava começando a cochilar; mas, a um beliscão do Chapeleiro, despertou com um guinchinho e continuou:

–...que começa com M, como maçaricos, e maçanetas, e memória e mesmice... como quando se diz “anda tudo uma mesmice”... já viu coisa parecida com tirar uma mesmice? –

– Ora, agora você me pergunta – disse Alice, confusíssima. – Não penso...

– Nesse caso não deveria falar – disse o Chapeleiro.

Essa grosseria foi mais do que Alice podia suportar: levantou-se revoltadíssima e foi embora; o Arganaz adormeceu no mesmo instante, e nenhum dos outros tomou o menor conhecimento da sua saída, embora ela tenha olhado para trás uma ou duas vezes, com uma ponta de esperança de que a chamassem de volta; a última vez que os viu, estavam

tentando enfiar o Arganaz no bule de chá.

– Seja como for, lá é que não volto nunca mais! – exclamou Alice enquanto avançava com cuidado pelo bosque – Foi o chá mais idiota de que participei em toda a minha vida!

Exatamente quando dizia isso, percebeu que uma das árvores tinha uma porta, dando para seu interior. “Isto é muito curioso!” pensou. “Mas hoje tudo é curioso. Por que não dar uma entradinha?” E foi o que fez.

Viu-se novamente no salão comprido, perto da mesinha de vidro. “Desta vez vou me sair melhor”, disse para si mesma, e começou por pegar a chavezinha de ouro e destrancar a porta que dava para o jardim. Em seguida tratou de morder o cogumelo (tinha guardado um pedaço no bolso) até ficar com uns trinta centímetros; depois seguiu pela pequena passagem; e então... encontrou-se finalmente no jardim encantador, entre as fontes de água fresca.

